



GOTTO, Roberto. Os mortos e os vivos: 130 anos do Culto à Ciência. Correio Popular, Campinas, 23 abr. 2003.

## 130 ANOS DO CULTO À CIÊNCIA

# Os mortos e os vivos

ROBERTO GOTTO

No último, dia 11, quando os jornais saíram com a declaração do presidente da República dando conta de que “do ponto de vista das reformas, a esquerda também tem comportamento muito conservador”, a Assembléia Legislativa de São Paulo homenageou a Escola Estadual Culto à Ciência por seus 130 anos, numa cerimônia não menos sugestiva dos contrastes e paradoxos que compõem o que costuma ser denominado de “ironia da História”.

O evento solene, motivado por um projeto de autoria do deputado Renato Simões, começou com a memória da gênese positivista da escola, inscrita em seu próprio nome. A tradição originada em Comte encontrou-se com a que provém de Marx, lançando na atmosfera de reminiscências não só os pontos de contato e coincidência entre as duas doutrinas mas também – ainda que num registro surdo – o tom de suas divergências. Com efeito, não há como descartar uma inclinação positivista no pensamento de Marx, que, sintonizado com o racionalismo do século XIX, insistiu sempre na cientificidade de sua teoria. Por seu turno, o positivismo não deixou de desempenhar, no Brasil pré-republicano, um papel revolucionário e progressista, do qual o Colégio Culto à Ciência é fruto e testemunho: em seu caso, o positivismo foi a força social e ideológica que carregou ideais iluministas e influxos liberais para a fundação, em pleno Segundo Império, de uma instituição de ensino inteiramente laica.

Essas afinidades, porém, não podem ser consideradas rigorosamente como eletivas: de seus pontos de vista respectivos, positivismo e marxismo são doutrinas que se repelem reciprocamente. A divergência pode ser aquilatada pelos diferentes tons e sentidos que Comte e Marx atribuem à relação entre os mortos e os vivos, relação que constitui o mote de toda solenidade em que a atualidade depara com a tradição e se obriga a lhe render preito e prestar contas. Para Comte (no seu *Catecismo Positivista*), “Os vivos são sempre, e cada vez mais, governados pelos mortos: tal é a lei fundamental da ordem humana.” Síntese do culto dos antepassados ilustres santificados pela religião da humanidade, a sentença consagra o pólo da ordem sobre o do progresso e parece justificar a associação do positivismo à direita conservadora e tradicionalista.

Marx, por sua vez, no *Dezoito Brumário de Luís Bonaparte*, afirma: “A tradição de todas as gerações mortas oprime como um pesadelo o cérebro dos vivos.” Advertindo e lamentando o medo dos agentes históricos em romper com os modelos do passado, exprimiu e deu margem às concepções que tomam a revolução como um movimento no sentido de zerar a História, de instaurar o absolutamente novo, e vêem na tradição um peso morto do

